



Guia de anfíbios

do Parque Estadual de Dois Irmãos



Edivania do Nascimento Pereira
Ednilza Maranhão dos Santos
Marina Falcão Rodrigues

Paulo Câmara

Governador do Estado de Pernambuco

Sérgio Xavier

Secretário de Meio Ambiente e Sustentabilidade

Carlos André Cavalcanti

Secretário Executivo de Meio Ambiente e Sustentabilidade

George Rêgo Barros

Gerente do Parque Estadual de Dois Irmãos

Edivania do Nascimento Pereira
Ednilza Maranhão dos Santos
Marina Falcão Rodrigues

Guia de anfíbios

do Parque Estadual de Dois Irmãos

Editorial
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Textos
Edivania do Nascimento Pereira
Ednilza Maranhão Dos Santos

Organizadores
Edivania Do Nascimento Pereira
Ednilza Maranhão dos Santos
Marina Falcão Rodrigues

Revisão
Iêdo De Oliveira Paes

Revisão Científica
Fabiana Oliveira Amorim

Diagramação
Luana Maria de Souza Veiga Lira

Foto de Capa
Açude do Prata - Marina Falcão
Sphaenorhynchus prasinus - Emerson Dias

P436d Pereira, Edivania do Nascimento; Santos, Ednilza Maranhão;
Rodrigues, Marina Falcão.

Guia dos Anfíbios do Parque Estadual de Dois Irmãos.

Recife: EDUFRPE, 2016.

73 p. : il.

Referências.

1. Anfíbios 2. Parque Dois Irmãos 3. Identificação

I. Santos, Ednilza Maranhão II. Título

CDD 597.6

ISBN 978-85-7946-265-8

Agradecimentos

Ao Laboratório Interdisciplinar de Anfíbios e Répteis da Universidade Federal Rural de Pernambuco, ao Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio) e a todos os pesquisadores que direta e indiretamente contribuíram com informações e imagens para o guia dos anfíbios do Parque Estadual de Dois Irmãos.



Foto: Açude do Meio/ Acervo Fotográfico - PEDI

Prefácio

Somos mais de 7 bilhões de seres humanos nesse planeta azul que chamamos de Terra. Sem dúvida somos a espécie dominante nos tempos atuais, mas não somos os únicos. Compartilhamos a Terra com uma diversidade estonteante de outros seres vivos, porém muitos deles estão ameaçados pelo modo como utilizamos o ambiente: seja o solo, seja a água ou o ar.

Na verdade, poucas vezes nos lembramos dos outros seres que dividem conosco este espaço, aqui e agora. Temos a ilusão de que podemos perfeitamente viver sem os demais seres vivos, mas talvez sejamos a espécie mais dependente de todas. Recebemos da natureza tudo do que precisamos para sobreviver: água limpa, alimentos saudáveis, ar puro e muito mais. Os cientistas chamam estes processos de purificação (do solo, da água e do ar) de serviços ecossistêmicos que a natureza nos oferece gratuitamente. Até agora pagamos nada por todo esse serviço. Em troca temos sujado ou, para usar um termo mais técnico, contaminado ou poluído o solo, as fontes de água doce, os oceanos, a atmosfera. Conseguimos deixar lixo até no espaço sideral e em outros planetas. Estamos explorando tanto algumas espécies de plantas e animais ao ponto de desaparecerem para sempre, e de forma direta ou indireta contribuimos para colocar um montão de outras espécies nas listas das "ameaçadas de extinção".

Quanto de nós podemos dizer que fizemos algo de bom, ou de importante, para cuidar melhor dos recursos naturais do nosso planeta? Como cidadãos aproveitamos muito pouco as oportunidades para mostrar que nos importamos com a natureza. Um jeito legal de demonstrar nosso cuidado é monitorando as mudanças e, assim participando do gerenciamento do meio ambiente. Esse é um dos objetivos desse Guia de anfíbios do Parque Estadual de Dois Irmãos. Ele vai mostrar como reconhecer algumas espécies-chaves, ou seja, sapos, rãs e pererecas que, melhor que qualquer outro animal, atuam como bioindicadores. Traduzindo: bioindicadores são organismos cuja presença ou a quantidade deles no ambiente indica como vai esse ambiente. Estes indicadores biológicos nos revelam se as

Prefácio

condições estão boas, se precisam melhorar, ou se vão de mal a pior. O trabalho de avaliação desse método não são apenas SIMPLES, mas é também MUITO DIVERTIDO!

Você já ouviu o comentário de que o planeta Terra deveria se chamar Planeta Água? As razões para isso são óbvias. Primeiro: a água cobre 70% da superfície do planeta. Segundo: o corpo de todo ser vivo é formado principalmente por água. No nosso corpo, por exemplo, 70% é água e os 30% restantes são distribuídos entre todos os demais elementos, como proteínas, carboidratos, gorduras, fibras, vitaminas e microelementos. Nos anfíbios, em média, 78% do corpo é composto por água. A pele dos anfíbios é geralmente bem fininha e muito vascularizada, ou seja, rica em vasos sanguíneos também bem fininhos chamados de capilares. Sendo assim quase toda sujeira que colocamos na água atravessa a pele deles e é levada pelo sangue dos capilares, afetando a saúde desses bichinhos que dependem tanto da água para viver. Assim que nascem (logo que os ovos eclodem) os anfíbios se parecem com peixinhos, são denominados de girinos, que nadam, se alimentam e se abrigam nas águas, sejam as águas de um lago, de um riacho ou mesmo de uma poça de água da chuva. Mesmo quando ficam adultos eles passam mais tempo em contato com a água do que longe ou fora dela. Deve ser preocupação de todos nós cuidarmos das águas do nosso Planeta Terra.

Estou certa de que este guia vai ser muito útil para todos os possíveis leitores. Mesmo que você, cidadão planetário, não queira exercer a nobre função de “analista ambiental”, no mínimo você vai ficar de queixo caído com as imagens de “ganhar prêmios” desses incríveis animais cuja diversidade e beleza podem ser vistas aqui, bem perto da gente, nas matas do entorno do zoológico do Recife – no nosso Parque Estadual de Dois Irmãos. Com o guia que você tem nas mãos, visitar o Parque e se aventurar por suas trilhas, que em si só já exibem uma riqueza natural de tirar o fôlego, vai agora lhe revelar, em um texto escrito com esmero e competência, a misteriosa aventura da vida desses seres fantásticos que são os anfíbios. BOALEITURA.

Apresentação

Há um século protegida e estudada, a mata de Dois Irmãos foi estabelecida como Unidade de Conservação em 1998, na categoria de Parque. Na época possuía uma área total de 387,43 ha, atualmente o PED I incorporou mais 773,02 ha, passando a 1.158 ha. É indubitável a riqueza resguardada no Parque Estadual de Dois Irmãos, sua exuberante mata oferece à biodiversidade local boas condições, garantindo a conservação de diversas espécies. Entre os principais grupos faunísticos registrados no PED I estão os anfíbios, conhecidos como cecílias, rãs, sapos e pererecas que representam 59% da biodiversidade de Anfíbios do Estado de Pernambuco.



Foto: Acervo Fotográfico - PED I

Apresentação

O Guia de Anfíbios do Parque Estadual de Dois Irmãos (PEDI), nasceu da necessidade de divulgar à sociedade a riqueza biológica presente no PEDI e sistematizar o conhecimento gerado pela academia. Neste sentido a cooperação entre Associação Parque de Dois Irmãos (instituição conservacionista) e a UFRPE (instituição de pesquisa e ensino) são essenciais para subsidiar ações dessa natureza. Um exemplo disso foi a pesquisa realizada por Pereira (2013), que serviu como base para a elaboração dessa publicação, além da implementação de ações voltadas ao público-visitante do PEDI, a exemplo da exposição "Um pulo no Zoo", e a produção de placas informativas sobre o grupo biológico na área de visitação do Parque.

O Guia de Anfíbios do Parque revela toda riqueza, beleza e importância das espécies de anfíbios presentes em um fragmento de Mata Atlântica Urbano, tornando o local uma referência para estudos de conservação e manejo na região Nordeste do Brasil. Este guia ilustrado contém informações e curiosidades sobre esses animais e constitui uma ferramenta essencial para auxiliar profissionais, estudantes, e todos os visitantes a conhecer e identificar as espécies.



Foto: Acervo Fotográfico - PEDI



Hypsiboas albomarginatus
Foto: Alex Zanotti

Sumário

- Introdução 11
 - Parque Estadual de Dois Irmãos (PEDI) 11
- Anfíbios 12
- Vocalização 13
- Estratégias reprodutivas 14
- Pesquisas sobre anuros no PEDI 15
- Método de coleta e identificação 16
- Locais de registro 17
 - Bromélias epífitas e terrestres 17
 - Corpos d'água: açudes, poças, córregos 18
 - Trilhas: árvores, arbustos, serrapilheiras 19
- Educação Ambiental 20
- Como utilizar esse Guia 23
- Siphonopidae 24
- Bufoanidae 25
- Craugastoridae 29
- Hemiphractidae 32
- Hylidae 33
- Leptodactylidae 54
- Midrohylidae 64
- Odontophrynidae 67
- Ranidae 68
- Considerações finais 69
- Leituras auxiliares 70
- Nota sobre os autores 71

Introdução

Parque Estadual de Dois Irmãos - PEDI

O PEDI está localizado na Região Noroeste do Recife - Pernambuco, sob coordenadas 8-7'30"S e 34-52'30"W e detém área de 1.157,72 ha. Na área está incluso o fragmento florestal denominado Mata de Dois Irmãos, com 384,7 ha, onde encontra-se o zoológico com 14 ha, e o fragmento da antiga Fazenda Brejo dos Macacos, com 773,02ha.

O Parque está inserido em um perímetro urbano, sendo sua vegetação classificada como Floresta Ombrófila Densa, com três estratos arbóreos mais ou menos densos, um dossel que atinge 20 m de altura e indivíduos emergentes. Ali está inserida a Microbacia do Prata, composta pelos açude: do Meio, do Prata, de Dois Irmãos e de Dentro.

A relação entre os açudes e o fragmento florestal mostra-se fundamental no equilíbrio climático da região, provendo diversos serviços ambientais. Esse cenário propicia a manutenção de diversas formas de vida, desde as mais generalista à especialistas, desempenhando um papel fundamental na conservação da biodiversidade em pleno meio urbano.



Foto: Açude de Dentro/ Acervo Fotográfico - PEDI

Anfíbio

O Brasil lidera o ranking mundial da biodiversidade em anfíbios, é um país megadiverso com cerca de 1024 espécies, essas distribuídas entre três grupos: as Gymnophiona conhecidas como cobra-cega, as salamandras ou urodelas e os anuros, conhecidos por sapos, rãs, pererecas ou jias. No Parque Estadual de Dois Irmãos foram documentadas 42 espécies, sendo 41 para anuros e 1 para Gymnophiona, é a Unidade de Conservação Estadual com maior riqueza de espécies em Pernambuco. Esses animais tem grande importância como biocontroladores de artrópodes, bioindicadores e vem tendo destaque na bioprospecção.

Por serem sensíveis as mudanças ambientais, populações estão em declínio e a principal causa é a perda de habitat, bem como a poluição principalmente do ar e da água. A perda das florestas estão levando algumas espécies a sofrerem algum tipo de ameaça de extinção, como é o caso da *Agalychnis granulosa*, perereca descrita a partir de registro no PEDI em 1989.



ANURA

Foto: Alex Zanotti



GYMNOPHIONA

Foto: Fabiana Amorim



URODELA

Foto: Sérgio Muniz

Vocalização

Um Show a parte é escutar o coro ou sinfonia dos anuros através dos diferentes sons emitidos pelos machos de várias espécies. A vocalização é utilizada para a comunicação e defesa do território, e também é essencial para a atividade reprodutiva, sendo um dos fatores de seleção sexual. O som emitido pelos anuros atua como isolamento reprodutivo, diminuindo as chances de acasalamento com espécies diferentes, bem como, na taxonômia possibilitando a identificação da espécie.

Vale ressaltar que uma mesma espécie pode possuir vários tipos de cantos, cada um com objetivo específico, dentre estes, podemos destacar: canto de anúncio, emitido pelo macho para atrair a fêmea; canto de corte, emitido pelo macho durante a corte; canto de territorialidade, emitido pelo macho residente quando há presença de um macho invasor na defesa do seu território; e canto de estresse.

O som é produzido pela vibração das cordas vocais através da passagem do ar entre os pulmões, a cavidade oral e o saco vocal. O saco vocal funciona como uma caixa de ressonância, amplificando o som produzido. O ambiente também auxilia na propagação das ondas sonoras.



Foto: Edivania Nascimento

Estratégias Reprodutivas

Geralmente os sapos, rãs e pererecas possuem dimorfismo sexual, ou seja, machos têm diferenças em relação as fêmeas, como pregas na região gular, tamanho menor e alguns possuem estruturas queratinizadas na base do polegar (pré-polax).

Para reproduzir, a maioria das fêmeas seleciona parceiro através do seu canto. Em noites úmidas, logo depois de uma boa chuva, fêmeas são atraídas pelo canto dos machos para o acasalamento nas poças d'água. Nesse momento ocorre o encontro do casal, o abraço nupcial (amplexo) que pode durar horas e em seguida a liberação dos gametas (ovócitos e espermatozoides) que são fecundados no meio externo, na água.

Para maior proteção dos ovos, já que não tem casca como um ovo de aves e répteis, eles são imersos por espumas, massa gelatinosas liberadas pelo casal durante a eliminação dos gametas ou protegidos em tocas no solo ou na vegetação. Os embriões desenvolvem e eclodem como larvas chamadas de girinos ou sapo de rabo, que crescem até se transformar em um sapo. Há também espécies que guardam os ovos nas costas e não há fase de larva.



Foto: Ednilza Maranhão

Desova de *Physalaemus cuvieri*.
Caracterizada como modo reprodutivo tipo 11 (ninho de espuma).



Foto: Ednilza Maranhão

Desova de *Hypsiboas albomarginatus*
Caracterizada como modo reprodutivo tipo 1 (ovos em ambientes lânticos).

Pesquisas sobre anuros no PEDI

O primeiro registro de anfíbios no PEDI foi em 1962 com a descrição de *Frostius pernambucensis* por Werner Bokermann. Em 1989 o Dr. Cruz da Universidade Federal do Rio de Janeiro descreveu outra espécie para o PEDI a *Agalychnis granulosa* hoje, espécie criticamente ameaçada na lista oficial do IUCN.

Em 1998 a professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco Dr^a Ednilza Maranhão dos Santos juntamente com o pesquisador Dr. Luis Agostinho M. Silva, forneceram a primeira lista comentada sobre anuros para o PEDI, com um total de 31 sp.

Após 11 anos, em 2009, Iris Virginia C. Melo orientada pelo professor Dr^o Geraldo Moura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, desenvolveu sua monografia onde trabalhou com espécies da herpetofauna de serrapilheira registrando oito espécies de Anfíbios, dentre essas, mais uma nova ocorrência para a localidade, *Leptodactylus marmoratus*.

Em 2013, Edivania do Nascimento Pereira, pesquisou sobre a ocupação, distribuição espacial e temporal desses animais no PEDI, registrando 31 sp., com sete novos registros, dentre eles, nova ocorrência para o Estado de Pernambuco, *Scinax melanodactylus*.

Hoje dando continuidade, a equipe vem estudando comportamento e biologia dos animais que habitam esse celeiro de descoberta que é o PEDI, visando contribuir cada vez mais com a conservação dos anuros e dos ambientes que estão inseridos.



Foto: Ednilza Maranhão



Foto: Ednilza Maranhão

Métodos de coleta e identificação

Para conhecer os anfíbios é necessário ter consciência da importância do trabalho, persistência, atenção e paciência. Esses animais estão distribuídos em diferentes ambientes úmidos, incluindo diversos estratos, e é durante o período noturno em que a maior parte encontram-se ativos.

Nos diversos estudos realizados no PEDI os pesquisadores utilizaram dois métodos: busca ativa e armadilhas do tipo pitfall, sempre com auxílio de equipamentos importantes como lanterna, cadernetas e gravadores. A identificação a nível de espécie foi realizada pela observação direta e indireta, através do som, o canto das espécies foi gravado com gravador digital.

Os registros foram realizados no período noturno, através de caminhadas dentro da mata, muitas vezes utilizando as trilhas já existentes, e nos ambientes aquáticos, como os açudes, áreas alagadas, poças e bromélias. Esse estudo só foi possível através da licença do Sisbio n. 12957-2, emitido pelo ICMBio, além da autorização da gestão do PEDI.



Foto: Ednilza Maranhão

Observação em campo.



Foto: Ednilza Maranhão

Coleta manual de anfíbio anuro.

Locais de registro

Phyllotyes luteolus



Frostius pernambucensis



Phyllomedusa nordestina



Bromélias epífitas e terrestres

Scinax aff. melanodactylus



Hypsiboas albomarginatus



Scinax aff. auratus



Locais de registro

Hypsiboas albomarginatus



Sphaenorhynchus prasinus



Dendropsophus elegans



Corpos d`água: açudes, poças, córregos

Dendropsophus branneri



Hypsiboas atlanticus



Scinax nebulosus



Locais de registro

Phyllomedusa nordestina



Hypsiboas semilineatus



Hypsiboas raniceps



Trilhas: árvores, arbustos, serrapilheira

Pristimantis ramagii



Rhinella crucifer



Proceratophrys renalis



Educação Ambiental

Entre as atividades voltadas à educação ambiental desenvolvidas pelo PEDI estão as trilhas interpretativas, as visitas monitoradas, eventos ambientais, colônias de férias, exposições, entre outras. Na maior parte dessas atividades, os anfíbios recebem destaque, sendo abordados aspectos biológicos, ecológicos e conservacionistas.

No planejamento das trilhas interpretativas guiadas, há grande potencial para se destacar os anfíbios quanto aos aspectos biológicos, ecológicos e de conservação da Mata Atlântica, com informações sobre seus habitats, microhabitats e curiosidades.

Um dos maiores destaques nas ações de educação ambiental, relacionadas aos anfíbios, no PEDI foi à exposição “Um pulo no Zoo”,



Educação Ambiental

composta por 10 aquaterrários, painéis informativos, brincadeiras educativas adaptadas para o tema (jogo da memória, quebra-cabeça, entre outras) e a implementação de placas informativas sobre as espécies que ocupam as áreas de visitação do Parque, de modo a propiciar visitas autoguiadas.

Durante a exposição “Um pulo no Zoo”, os visitantes tiveram a oportunidade de ver de perto alguns animais que ocorrem no Parque. Muitos ficaram fascinados com a elegância e as cores de algumas espécies. A expressão de repulsa e medo foi evidenciada, todavia, com a ajuda de monitores, os mitos e as superstições foram esclarecidos, fazendo com que os visitantes evidenciassem a importância do grupo para a natureza.



Esta exposição “Um Pulo no Zoo” se propõe a levar o público visitante do Parque Dois Irmãos a conhecer melhor um dos grupos mais fascinantes da nossa fauna em termos de diversidade e estratégias de vida: os anfíbios.

Seja bem-vindo!

No mundo existem mais de 6,3 mil espécies de anfíbios. O Brasil é considerado o país que possui a maior diversidade do mundo, abrigando cerca de 950 delas. Isso é motivo de orgulho, mas também de responsabilidade, já que muitas espécies sofrem ameaça de extinção. Precisamos mudar esse cenário. Vamos proteger as florestas, rios e lagos.

Vamos cuidar do que é nosso!

Um pulo no Zoo
EXPOSIÇÃO
sapos, rãs e pererecas

UFPE
Dois Irmãos



Foto: Marina Falcão

Como utilizar este guia

Este guia é composto com informações sobre 41 espécies de anfíbios, essas distribuídas entre: 1 pertencente a Ordem Gymnophiona e 40 espécies da Ordem Anura.

Você encontrará informações sobre cada espécie e suas famílias. Para cada espécie estão descritas informações gerais: nome científico seguido do descritor e ano, nome vulgar (quando possui), e dados sobre: tamanho, habito/habitat, distribuição geográfica, características morfológicas, imagem evidenciando formas e coloração que possa auxiliar na identificação.

Esperamos que o guia seja um excelente instrumento de trabalho e que venha contribuir com as atividades de trilhas guiadas e autoguiadas, bem como nas atividades de educação ambiental de forma prazerosa e didática.

Tenha uma excelente leitura!



Foto: Marina Falcão

Siphonopidae

Esta família da ordem Gymnophiona possui distribuição geográfica na América do Sul. Tem como característica morfológica, o corpo alongado com presença de anéis dérmicos, desprovido de membros locomotores, e hábito fossorial e semifossorial, dificultando assim sua visualização.

No Brasil existem descritas apenas quatorze espécies pertencente a seis gêneros. No Parque Estadual de Dois Irmãos, foi registrada uma espécie: *Siphonops annulatus*.



Nome Científico:

Siphonops annulatus
(Mikan, 1820)

Nome Vulgar:

Cobra-cega

Foto: Marcos Freitas

Porte: Médio, alcançando 4,5 cm.

Hábito/Habitat: Vive em áreas alagadas em câmaras no subsolo, possui hábito fossorial.

Distribuição geográfica: Mata Atlântica brasileira. Encontrada também na Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela.

Registro no PEDI: Encontrada em locais alagadiços no entorno dos açudes.

Característica: Possui coloração cinza, corpo alongado, em anéis e cabeça mais fina que o corpo.

Bufonidae

Com distribuição cosmopolita a família Bufonidae ocorre em quase todo o mundo, exceto na Austrália, do qual possui uma única espécie que foi introduzida sapo-cururu (*Bufo marinus*).

Esta família inclui o “sapo”, com membros dianteiros mais curtos, membros posteriores utilizados para andar ou pular, pele seca, verrugosa e glândulas paratóides por trás dos olhos bastante evidente.

No Brasil existem descritas 78 espécies para a família Bufonidae, distribuída em oito gêneros, tendo maior destaque os gênero *Rhinella* composto por 36 espécies.

No Parque Estadual de Dois Irmãos, foram registradas quatro espécies, uma para o gênero *Frostius* e três para o gênero *Rhinella*: *Frostius pernambucensis*, *Rhinella crucifer*, *Rhinella granulosa* e *Rhinella jimi*.



Foto: Vanessa Nascimento

Nome científico:

Frostius pernambucensis
(Bokermann, 1962)



Foto: Marcos Freitas

Porte: Pequeno.

Hábito/Habitat: Terrestre e arborícola

Distribuição Geográfica: Bahia, Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

Registro no PEDI: Encontrado em bromeliáceas terrestres e em arbustos no interior do fragmento.

Característica: Corpo de coloração marrom acinzentado e olhos com iris amarelada.

Nome científico:
Rhinella crucifer (Wied-Neuwied, 1821)

Nome Popular:
Sapo-da-mata



Foto: Vanessa Nascimento

Porte: Médio, alcançando 12cm.

Hábito/Habitat: Vive no centro e borda de mata, podendo ser encontrada em áreas abertas.

Distribuição Geográfica: Amplamente distribuída em todo Nordeste brasileiro, pode também ser encontrado em Misiones, Corrientes e Argentina.

Registro no PEDI: Encontrado na borda e interior do fragmento, e áreas edificadas.

Característica: Possui coloração avermelhada no dorso, podendo apresentar uma listra vertical clara que segue da cabeça a cloaca.

Nome científico:
Rhinella granulosa (Spix, 1824)
Nome vulgar:
Sapo-de-verruga



Foto: Edivania Pereira

Porte: Médio.

Hábito/Habitat: Pode ser encontrado na borda da mata, em áreas abertas e edificadas.

Distribuição Geográfica: Amplamente distribuída em todo Nordeste brasileiro.

Registro no PEDI: Encontrado na borda e em clareiras na mata, além de áreas edificadas.

Característica: Possui o corpo coberto por pequenas glândulas que parecem verrugas e possui narina afilada.

Nome científico:
Rhinella jimi (Stevaux, 2002)
Nome vulgar:
Sapo-cururu



Foto: Vanessa Nascimento

Porte: Grande.

Hábito/Habitat: Hábito terrestre, comum em áreas antropizadas. Utiliza como microhabitat tocas feitas no solo e frestas entre rochas.

Distribuição Geográfica: Presente em todo Nordeste brasileiro, Amazônia, Bolívia, Peru, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Panamá, Paraguai, Argentina.

Registro no PEDI: Encontrado em áreas edificadas.

Característica: Possui o corpo coberto por glândulas evidentes, sendo as paratóidas grande e visível.

Craugastoridae

Família composta por rãs e sapos. Possui ampla distribuição geográfica no Brasil, principalmente em áreas florestadas.

No Brasil, as espécies são encontradas comumente em serrapilheira (folhas secas) e dentro de matas. No Parque Estadual de Dois Irmãos foram encontradas duas espécies pertencentes ao gênero *Pristimantis*, ambas pertencentes a subfamília Ceuthomantinae. Atualmente é um grupo que necessita de revisão taxonômica, devido a grandes diferenças morfológicas.

Nome científico:
Pristimantis ramagii
(Boulenger, 1888)
Nome vulgar:
Rã-do-folhiço



Foto: Edivania Pereira

Porte: Pequeno.

Hábito/Habitat: Terrestre e arborícola.

Distribuição Geográfica: Encontrado da Bahia, Pernambuco e Paraíba.

Registro no PEDI: No interior do fragmento e áreas edificadas, sempre na serrapilheira.

Característica: Grande variação morfológica e com coloração marrom, possui uma mancha escura do nariz ao ouvido.

Nome científico:
Pristimantis gr. ramagii
Nome vulgar:
Rã-do-folhiço



Foto: M. Teixeira Jr.

Porte: Pequeno, alcançando 3,5cm.

Hábito/Habitat: Terrestre.

Distribuição Geográfica: Encontrado possivelmente na mata atlântica nordestina.

Registro no PEDI: No interior e na borda do fragmento e em áreas edificadas, sempre na serrapilheira.

Característica: Variação morfológica de coloração marrom e manchas escuras nos membros posteriores.



Casal em amplexo e desova de *Pristimantis ramagii*
Foto: Vanessa Nascimento/ Amanda César

Hemiphractidae

A família Hemiphractidae possui ocorrência na América do sul e América Central: Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Panamá.

Nesta família é observado uma característica bastante peculiar, algumas espécies carregam seus ovos em desenvolvimento no dorso, até que eclodam.

No Brasil existem descritas 16 espécies distribuídas em quatro gêneros.

No Parque Estadual de Dois Irmãos, foi registrada apenas uma espécie do gênero *Gastrotheca*, a *Gastrotheca fissipes*.

Nome científico:

Gastrotheca fissipes
(Boulenger, 1888)

Nome vulgar:

Perereca-marsupial



Foto: Ednilza Maranhão

Porte: Grande, alcançando 10cm.

Hábito/Habitat: Habita borda e centro de fragmentos florestais, utiliza-se de bromélias para completar seu ciclo de vida.

Distribuição Geográfica: Pernambuco, Bahia e Espírito Santo.

Registro no PEDI: Encontrado no interior da mata em bromélias epífitas.

Característica: Possui mancha escura lateral que segue da boca a membrana timpânica. As fêmeas apresentam uma elevação no dorso do qual carregam seus ovos.

Hylidae

A família Hylidae é composta por pererecas, é considerada uma das maiores famílias de anuros com mais de 900 espécies reconhecidas, possui ampla distribuição geográfica sendo bem representada no Novo Mundo.

Os Hílídeos possuem uma grande variedade em tamanho e cores, geralmente têm discos adesivos nos membros o que pode ajudar na escalada, sendo a maioria de hábito arborícola.

No Brasil existem descritas 369 espécies distribuídas em duas subfamílias, Hylinae e Phyllomedusinae, com 24 gêneros.

No Parque Estadual de Dois Irmãos, foram registradas 20 espécies, o gênero *Scinax* obteve maior destaque, com registro de seis espécies.



Nome científico:
Agalychnis granulosa
(Cruz, 1989 “1988”).

Foto: Robson Àvila

Porte: Médio, alcançando 6 cm.

Hábito/Habitat: Borda de fragmento florestais, principalmente em bromélias.

Distribuição geográfica: Encontrada em Pernambuco, norte de Alagoas e Bahia.

Registro no PEDI: Interior do fragmento, em vegetação arbustiva.

Característica: Possui coloração verde no dorso e alaranjado nos membros e ventre. Espécie ameaçada de extinção.



Agalychnis granulosa
Foto: Amanda César

Nome científico:
Dendropsophus branneri (Cochran, 1948)
Nome Vulgar:
Perereca-pequena



Foto: Emerson Dias

Porte: Pequeno, alcançando 2 cm.

Hábito/Habitat: Vive em vegetação emergente próximo a corpos d'águas.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída em todo Nordeste brasileiro, também encontrada no Rio de Janeiro.

Registro no PEDI: Encontrado sobre as folhas de Ciperáceas às margens dos açudes.

Característica: Espécie com coloração marrom claro e uma macha branca abaixo dos olhos.

Nome científico:
Dendropsophus aff. decipiens



Foto: Edivania Pereira

Porte: Pequeno, alcançando 2cm.

Hábito/Habitat: Preferem vegetação arbustiva próximo aos corpos d'água.

Distribuição geográfica: Do Rio de Janeiro à Pernambuco. Além dos estados do Maranhão e São Paulo.

Registro no PEDI: Vegetação emergente, Ciperáceas, que circundam os açudes.

Característica: Possui coloração amarela e desenho na lateral do dorso.

Nome científico:
Dendropsophus minutus (Peters, 1872)



Foto: Ednilza Maranhão

Porte: Pequeno, alcançando 2cm.

Hábito/Habitat: Vocalizam em arbusto próximo a corpos d'água.

Distribuição geográfica: Em toda Mata atlântica brasileira. Também nos Andes, Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Salta, Misiones, Argentina e Bolívia.

Registro no PEDI: Encontrado na vegetação flutuante e emergente dos açudes.

Característica: Possui coloração marrom com desenhos no dorso similar a uma amпуlheta.

Nome científico:
Dendropsophus soaresi (Caramaschi & Jim, 1983)



Foto: Vanessa Nascimento

Porte: Pequeno, alcançando 3cm.

Hábito/Habitat: Arbustos próximos a corpos d' águas.

Distribuição geográfica: No Nordeste de Pernambuco encontrada com maior frequência na Caatinga. Minas Gerais, Maranhão, Tocantins e Paraíba.

Registro no PEDI: Encontrado em bordas de mata com registros pontuais.

Característica: Possui coloração cinza com uma mancha escura no interior dos membros posteriores.

Nome científico:
Hypsiboas alnomarginatus (Spix, 1824)

Nome Vulgar:
Perereca verde



Foto: Emerson Dias

Porte: Médio variando de 3 a 5cm.

Hábito/Habitat: Arborícola e noturna, habita corpos d`água lântico .

Distribuição geográfica: Endêmica do Brasil, encontrada na mata atlântica nordestina, bem como alguns Estados do sudeste do Brasil.

Registro no PEDI: Comumente encontrada nas margens dos açudes e poças.

Característica: Coloração do dorso verde, ventre esbranquiçado e membranas interdigitais e face interna da coxa laranja.

Nome científico:
Hypsiboas atlanticus (Caramaschi & Velosa, 1996)
Nome Vulgar:
Perereca



Foto: Vanessa Nascimento

Porte: Pequeno, alcançando 4cm.

Hábito/Habitat: Habita preferencialmente arbustos e vegetação que circunda corpos d' águas.

Distribuição geográfica: De Pernambuco à Bahia.

Registro no PEDI: Amplamente distribuída em bordas de mata e em vegetação no entorno dos açudes.

Característica: Possui coloração verde no dorso, e ventre claro, quase transparente.

Nome científico:
Hypsiboas raniceps (Cope, 1862)
Nome vulgar:
Perereca-zebrada



Foto: Maria Teles

Porte: Médio, variando de 5 à 6 cm.

Hábito/Habitat: Vive em arbustos no interior e borda de mata.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída no Nordeste brasileiro, na Caatinga e Mata Atlântica. Também encontrada na Amazônia, Colômbia, Guiana Francesa, Amazônia Boliviana, Paraguai, Argentina e Venezuela.

Registro no PEDI: Encontrada em vegetação arbustiva no entorno do Açude de Dentro.

Característica: Possui coloração marrom e manchas listradas no corpo.

Nome científico:
Hypsiboas semilineatus (Spix, 1824)
Nome vulgar:
Rã-de-listra



Foto: Ednilza Maranhão

Porte: Médio, alcançando 5,5 cm.

Hábito/Habitat: Encontrado em arbustos e emaranhados de vegetações, no interior e borda de mata.

Distribuição geográfica: Pernambuco a Santa Catarina.

Registro no PEDI: Ampla distribuição, interior e borda do fragmento, vegetação arbustiva e herbácea nos açudes.

Característica: Possui variação ontogênica, variando de coloração de cinza à marrom. Com membrana nictante evidente similar uma rede e projeção semelhante à espinhos nos membros posteriores.

Nome científico:
Phyllodytes edelmoi (Peixoto, Caramaschi & Freire, 2003)



Foto: Emerson Dias

Porte: Pequeno.

Hábito/Habitat: Encontrado em associação com bromélias.

Distribuição geográfica: Fragmento de mata atlântica no Nordeste.

Registro no PEDI: Encontrado em bromélias e epífitas no interior e borda de mata.

Característica: Possui coloração marrom claro, com cabeça arredondada.

Nome científico:
Phyllomedusa nordestina (Caramaschi, 2006)
Nome Vulgar:
Perereca-verde-pequena



Foto: Vanessa Nascimento

Porte: Pequeno.

Hábito/Habitat: Vive em vegetação arbustiva.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída na Caatinga e Mata Atlântica Pernambucana, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Registro no PEDI: Encontrada na borda do fragmento, próximo ao açude de Dois Irmãos, e em vegetações no interior dos recintos.

Característica: Coloração verde e listras verticais alaranjada na face interna da coxa.



Phyllomedusa nordestina
Foto: Vanessa Nascimento

Nome científico:
Scinax aff. melanodactylus



Foto: Edivania Pereira

Porte: Pequeno, alcançando 1,5cm.

Hábito/Habitat: Possui hábito diurno, vive em bromélias.

Distribuição geográfica: Espírito Santo, Bahia e Alagoas, sendo o primeiro registro da espécie para Pernambuco no PEDI (PEREIRA, 2013).

Registro no PEDI: Encontrado na borda do fragmento e associados a Ciperácea, próximo ao Açude Dois Irmãos.

Característica: Possui coloração marrom, com listra branca marcantes nas laterais do corpo dos olhos aos membros posteriores

Nome científico:
Scinax aff. *auratus*
Nome Vulgar:
Perereca-dourada



Foto: Edivania Pereira

Porte: Pequeno, alcançando 2,5cm.

Hábito/Habitat: Encontrada em vegetação arbustiva e bromélias.

Distribuição geográfica: Amplamente distribuída na Mata Atlântica Pernambucana e na Paraíba.

Registro no PEDI: Ampla distribuição, encontrada em bromélias, arbustos, no interior e na borda do fragmento, e em vegetação que circunda os açudes.

Característica: Coloração marrom esverdeada, possui três listras verticais no dorso que segue do olhos à cloaca.

Nome científico:
Scinax eurydice (Bokermann, 1968)

Nome Vulgar:
Raspa-cuía-grande



Foto: Igor Roberto

Porte: Médio, alcançando 6 cm.

Hábito/Habitat: Encontrada em vegetação arbustiva.

Distribuição geográfica: Pernambuco, Paraíba, Maranhão e Rio de Janeiro.

Registro no PEDI: Encontrada vocalizando em arbustos dentro do recinto do zoológico.

Característica: Possui coloração esverdeada com manchas escuro no dorso.

Nome científico:
Scinax aff. *fuscovarius*
Nome Vulgar:
Perereca-de-banheiro



Foto: Edivania Pereira

Porte: Médio, alcançando 5cm.

Hábito/Habitat: Encontrada em vegetação arbustiva

Distribuição geográfica: No Brasil a espécie é amplamente distribuída na Caatinga e Mata Atlântica nordestina. Também encontrada na Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Registro no PEDI: Encontrado dentro dos recintos do zoológico.

Característica: Possui coloração esverdeada/amarelada, com manchas no dorso.

Nome científico:
Scinax nebulosus (Spix, 1824)



Foto: Vanessa Nascimento

Porte: Médio, alcançando 4,5cm.

Hábito/Habitat: Preferem vegetação arbustiva próxima a corpo d'água.

Distribuição geográfica: No Brasil a espécie é amplamente distribuída na Mata Atlântica nordestina. Além de serem encontrada na Bolívia e Venezuela.

Registro no PEDI: Ampla distribuição, no interior e borda do fragmento, em vegetação que circunda os açudes e nas áreas edificadas.

Característica: Possui coloração marrom, podendo variar para verde escuro.

Nome científico:
Scinax x-signatus (Spix, 1824)
Nome Vulgar:
Perereca-de-banheiro



Foto: Vanessa Nascimento

Porte: Médio.

Hábito/Habitat: A espécie está sempre associada à ambientes úmidos, tais como lagoas, poças e riacho, também sendo encontrada em residências.

Distribuição geográfica: No Brasil é encontrada amplamente distribuída na Caatinga e Mata Atlântica Pernambucana, além Venezuela, Guiana, Suriname e Arauca, Meta e Norte de Santander, na Colômbia.

Registro no PEDI: Ampla distribuição, encontrada no interior e borda de mata, vegetação entorno dos açudes e nas edificações

Característica: Coloração verde com uma mancha em formato de “X” no dorso.

Nome científico:
Sphaenorhynchus prasinus (Bokermann, 1973)



Foto: Edivania Pereira

Porte: Pequeno, alcançando 3cm.

Hábito/Habitat: Preferência por vegetações flutuantes em corpos d'água permanente ou temporários.

Distribuição geográfica: Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Alagoas e Pernambuco.

Registro no PEDI: Encontrado nos Açudes de Dois Irmãos e de Dentro, geralmente nas vegetações flutuantes.

Característica: Coloração verde, podendo apresentar manchas escuras no dorso.

Nome científico:
Trachycephalus mesophaeus (Hensel, 1867)
Nome Vulgar:
Perereca-grande



Foto: Ednilza Maranhão

Porte: Grande, alcançando 8 cm.

Hábito/Habitat: Preferencialmente vegetação arbustiva, no interior e borda de mata.

Distribuição geográfica: No Brasil na região sul e em algumas localidades da Mata Atlântica Nordeste.

Registro no PEDI: Encontrada em locais elevados na borda do fragmento.

Característica: Possui coloração marrom escura com mancha marrom clara no dorso.

Leptodactylidae

Esta família é composta por um grupo grande e diversificado, ocorrendo no Novo Mundo. Por possuir uma grande diversidade morfológica essa família vem sofrendo revisões taxonômica. A maioria das espécies possuem como característica o rosto afinado com manchas verticais ao redor da boca, habitando preferencialmente ambiente alagados.

No Brasil existem descritas 151 espécies distribuídas em 3 subfamílias (Leiuperinae, Leptodactylinae e Paratelmatoibiinae) e 11 gêneros, sendo o gênero *Leptodactylus* com maior destaque composto por 56 espécies. No Parque Estadual de Dois Irmãos, foram registradas 9 espécies distribuídas em três gêneros.

Nome científico:
Physalaemus cuvieri
(Fitzinger, 1826)
Nome Vulgar:
Rã-foi-não-foi



Foto: Edivania Pereira

Porte: Pequeno.

Hábito/Habitat: A espécie utiliza como habitat a serrapilheira, e reproduz em áreas alagadas, do qual desenvolvem os ninhos de espuma.

Distribuição geográfica: Nordeste, central, sudeste e sul do Brasil; Misiones e Entre Rios, Argentina; Paraguai Oriental e Venezuela.

Registro no PEDI: Encontrado no interior e borda do fragmento, bem como nas áreas edificadas.

Característica: De coloração marrom claro, podendo eventualmente ser encontrada com coloração cinza claro. Possui uma listra lateral marrom escura próximo aos olhos e umas manchas alaranjadas na parte interna dos membros.

Nome científico:
Pseudopaludicola aff. mystacalis
Nome Vulgar:
Ranzinha



Foto: Vanessa Nascimento

Porte: Pequeno, alcançando 1,5cm.

Hábito/Habitat: Vive em áreas de várzea, brejos ou campos é amplamente distribuída na Caatinga e Mata Atlântica.

Distribuição geográfica: No Brasil a espécie ocorre em Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Pernambuco. Além de outros países, Buenos Aires, Corrientes, Entre Ríos, Misiones, Argentina e Uruguai.

Registro no PEDI: Ampla distribuição, presente no interior e borda do fragmento, entorno dos açudes e áreas edificadas.

Característica: Possui coloração marrom, e pode obter listra amarelada central seguindo da cabeça a cloaca ou duas listras alaranjadas lateralmente, seguindo dos olhos a cloaca.



Pseudopaludicola aff. *mystacalis*
Foto: Igor Roberto

Nome científico:
Leptodactylus fuscus (Schneider, 1799)

Nome Vulgar:
Rã-assobiadora



Foto: Ednilza Maranhão

Porte: Médio.

Hábito/Habitat: A espécie é encontrada em áreas úmidas no interior e/ou borda de mata.

Distribuição geográfica: No Brasil possui ampla distribuição na Mata Atlântica e Caatinga. Também encontrada no Panamá, Andes e Argentina.

Registro no PEDI: Encontrado vocalizando em alagados na borda do fragmento.

Característica: Possui coloração marrom, e pode obter listra branca central seguindo da cabeça a cloaca. Sua vocalização lembra um assobio.

Nome científico:
Adenomera hylaedactyla (Cope, 1868)
Nome Vulgar:
Rã-de-folhiço



Foto: Ednilza Maranhão

Porte: Pequeno porte.

Hábito/Habitat: Espécie encontrada na serrapilheira, no interior do fragmento do fragmento.

Distribuição geográfica: Mata Atlântica Pernambucana.

Registro no PEDI: Ampla distribuição foi encontrada no centro e borda de mata e nas edificações, onde possui serrapilheira.

Característica: Possui coloração marrom com manchas escuras no dorso.

Nome científico:
Leptodactylus macrosternum (Miranda Ribeiro, 1926)

Nome Vulgar:
Caçote



Foto: Maria Teles

Porte: Grande, alcançando 10 cm.

Hábito/Habitat: Vive em áreas úmidas no interior e/ou borda do fragmento.

Distribuição geográfica: No Brasil a espécie possui ampla distribuição na Mata Atlântica e Caatinga Nordestina. Também é encontrada na Colômbia, Guina Francesa, Guiana, Paraguai, Suriname e Venezuela.

Registro no PEDI: Encontrada vocalizando nos alagados na borda do fragmento.

Característica: Possui coloração marrom e listras escuras vertical no dorso.

Nome Científico:
Leptodactylus mystaceus (Spix, 1824)



Foto:Vanessa Nascimento

Porte: Grande, alcançando 10 cm.

Hábito/Habitat: Vive em áreas úmidas no interior e/ou borda de mata.

Distribuição geográfica: Ampla distribuição na Mata Atlântica de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Rio de Janeiro e São Paulo.

Registro no PEDI: Encontrado vocalizando nos alagados dentro da mata.

Característica: Possui coloração marrom com listra escura lateralmente, seguindo da narina até o membro anterior.

Nome científico:
Leptodactylus natalensis (A. Lutz, 1930)
Nome Vulgar:
Caçote



Foto: Emerson Dias

Porte: Pequeno, alcançando 4 cm.

Hábito/Habitat: Vive em áreas úmidas no interior e/ou borda de mata. Coloca os ovos em ninhos de espuma e possui cuidado parental.

Distribuição geográfica: A espécie possui ampla distribuição na Mata Atlântica e Caatinga Nordestina, além de ser encontrada no Rio Grande do Norte e São Paulo.

Registro no PEDI: Encontrada vocalizando nos alagados na borda e interior do fragmento.

Característica: Possui coloração marrom e uma macha escura na cabeça entre os olhos.

Nome científico:
Leptodactylus troglodytes (Lutz, 1926)
Nome Vulgar:
Caçote



Foto:Ednilza Maranhão

Porte: Médio, pode chegar até 6 cm.

Hábito/Habitat: É encontrado em pequenas cavidades de rochas, troncos e tocas no solo.

Distribuição geográfica: A espécie possui ampla distribuição na Nordeste brasileiro, sendo também encontrada em Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte.

Registro no PEDI: Encontrado em área aberta e borda do fragmento, próximo aos açudes.

Característica: Possui coloração marrom com manchas escuras no dorso.

Nome Científico:
Leptodactylus vastus (Lutz, 1930)
Nome Vulgar:
Rã-pimenta ou Jia



Foto:Vanessa Nascimento

Porte: Grande.

Hábito/Habitat: Pode ser encontrada em pequenas cavidades de rochas, troncos e tocas no solo. Coloca seu ovos em ninhos de espumas.

Distribuição geográfica: Registra ao Nordeste brasileiro.

Registro no PEDI: Encontrado em áreas abertas e borda do fragmento, próximo aos açudes e as edificações.

Característica: Possui coloração marrom avermelhado.

Microhylidae

Com distribuição geográfica pelas Américas, Ásia (Índia e grande parte do sudeste da Ásia até Nova Guiné), no norte da Austrália, África e Madagascar, com o maior número de espécies em Madagascar e Sudeste Asiático.

Os microhylídeos possuem membros posteriores robustos, focinho curto e corpo globoso. São de difícil visualização por possuir hábito fossorial e semifossorial, algumas poucas espécies possuem hábito arborícola.

No Brasil existem descritas 50 espécies distribuídas em 11 gêneros. No Parque Estadual de Dois Irmãos, foram registradas 3 espécies, uma para o gênero *Dermatonotus* e outra para o gênero *Elachistocleis*: *Dermatonotus muelleri*, *Elachistocleis ovalis* e *Chiasmocleis alagoanus*

Nome Científico:

Dermatonotus muelleri
(Boettger, 1885)

Nome Vulgar:

Rã-manteiga



Foto: Edivania Pereira

Porte: Médio.

Hábito/Habitat: Espécie de difícil visualização, pois possui hábito semifossorial, constroem câmaras subterrâneas onde passa grande parte de sua vida, saindo apenas para se alimentar e reproduzir.

Distribuição geográfica: A espécie possui ampla distribuição na Nordeste brasileiro. Também está presente na Argentina, Bolívia e Paraguai.

Registro no PEDI: Encontrado próxima as edificações.

Característica: Possui coloração verde escuro, rosto afinado e pintas escuras no dorso e ventre.

Nome Científico:
Chiasmocleis alagoanus (Cruz, Caramaschi & Freire, 1999)



Foto:Vanessa Barbosa

Porte: Pequeno

Hábito/Habitat: Espécie de habito semifossorial, constroem câmaras subterrâneas onde passa grande parte de sua vida, saindo apenas para alimentar e reproduzir.

Distribuição geográfica: Alagoas e Pernambuco.

Registro no PEDI: Encontrado no interior de mata.

Característica: Possui coloração marrom escuro. Espécie ameaçada de extinção.

Nome Científico:
Elachistocleis cesarii (Miranda-Ribeiro, 1920)
Nome Vulgar:
Rã-de-apito



Foto:Ednilza Maranhão

Porte: Médio.

Hábito/Habitat: Vocalizam em áreas de brejo no início do entardecer, de hábito semifossorial, vivem em câmeras subterrâneas.

Distribuição geográfica: Ampla distribuição geográfica no Nordeste brasileiro e parte do Centro-Oeste e Sudeste.

Registro no PEDI: Encontrada em solo úmido no interior do fragmento, na estação chuvosa.

Característica: Possui coloração cinza, rosto afilado e manchas amareladas no ventre, pode atingir cerca de 3 cm.

Odontophrynidae

A família Odontophrynidae possui distribuição geográfica na América do Sul.

As espécies que compõem essa família em sua maioria possuem uma coloração críptica, ou seja, assemelhando-se ao ambiente que vivem, sendo facilmente confundido com serrapilheira.

No Brasil existem descritas 43 espécies distribuídas em três gêneros *Macrogenioglottus*, *Odontophrynus* e *Proceratophrys*.

No Parque Estadual de Dois Irmãos, foi registrada apenas uma espécie do gênero *Proceratophrys*, a *Proceratophrys renalis*.

Nome científico:
Proceratophrys renalis
(Miranda-Ribeiro, 1920)
Nome Vulgar:
Sapo-de-chifre



Foto: Ednilza Maranhão

Porte: Médio.

Hábito/Habitat: Borda dos fragmentos florestais, na serrapilheira.

Distribuição Geográfica: Amplamente distribuída na Mata Atlântica Nordeste. Também encontrada no Ceará, Paraíba, Bahia e Minas Gerais.

Registro no PEDI: Encontrado no interior do fragmento, associado a serrapilheira.

Característica: Possui coloração marrom com pálpebras elevadas similar a um chifre.

Ranidae

Com ampla distribuição geográfica a família Ranidae só não é encontrada no sul da África e da maior parte da Austrália oriental.

São conhecidas como “rãs verdadeiras”, a maioria de suas espécies tem como característica marcante a presença de membrana interdigital evidente, auxiliando no nado, os representantes que possuem essa característica pode ser evidenciado hábito semiaquático.

No Brasil existem apenas duas espécies pertencente ao gênero *Lithobates*, que são os *Lithobates catesbeianus* (espécie exótica) e *Lithobates palmipes*.

No Parque Estadual de Dois Irmãos, foi registrada 1 espécie: *Lithobates palmipes*.



Foto: Ednilza Maranhão

Nome Científico:

Lithobates palmipes

(Spix, 1824)

Nome Vulgar:

Caçote-verde

Porte: Grande.

Hábito/Habitat: A espécie é encontrada em áreas alagadas no centro ou borda de mata.

Distribuição geográfica: Possui ampla distribuição na Mata Atlântica Brasileira. Encontrada também na Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela.

Registro no PEDI: Encontrada em locais alagadiços na borda dos açudes.

Característica: Possui dorso com coloração verde.

Considerações Finais

A exuberante biodiversidade de anfíbios aqui apresentada, representa uma parcela desse grupo diverso e de fundamental importância biológica. Entretanto, uma grande parte da população estigmatiza o grupo, tratando-os como animais sem beleza e repugnantes, o que não é verdadeiro.

É fundamental ressaltar que todos os anfíbios desempenham um papel de grande importância na manutenção da vida do nosso planeta, além de possibilitar que vidas humanas sejam salvas através da utilização de compostos químicos existentes em suas peles - bioprospecção. Todavia, a relação do homem com a natureza, que tantas vezes leva a destruição dos habitats, poluição das águas e efeitos relacionados às mudanças climáticas aceleram o desaparecimento de espécies em nível local, regional e global.

Devemos possibilitar a manutenção a longo prazo desses animais, buscando a geração e disseminação de conhecimento que gerem ações de conservação em todos os níveis, inclusive com a conscientização da sociedade. A proteção dos nossos rios, lagos, riachos, e principalmente das nossas florestas é o primeiro e importante passo nesse processo de manter viva a diversidade de anfíbios no planeta.

Seja um defensor dessa causa!

Contamos com sua ajuda.



Foto: Açude do Meio/ Acervo Fotográfico - PEDI

Leituras Auxiliares

Leituras que auxiliaram os autores em suas pesquisas, com informações gerais sobre os Anfíbios do Estado de Pernambuco.
Tenha uma excelente leitura!

Sites:

- <http://amphibiaweb.org/>
- <http://www.sbherpetologia.org.br/>
- <http://herpeto.org/>
- <http://www.iucn.org/>

Livros:

- FREITAS, M. A. Anfíbios do Nordeste Brasileiro. 86p. 2011.
- DUELLMAN, W.E; TRUEB, L. Biology of amphibians. The Johns Hopkins University Press, Baltimore and London, 670p. 1994.
- MOURA, G.J.B.; SANTOS, E.M.; OLIVEIRA, M.A.B.; CABRAL, M.C.C. Herpetologia no Estado de Pernambuco. Brasília: Ibama, 440p. 2011.
- SANTOS, E. M; SILVA, L. A. M. Anurofauna da reserva ecológica de Dois Irmãos. *IN*: MACHADO, I. C.; LOPES, A. V; PÔRTO, K. C. (Orgs.). Reserva ecológica de Dois Irmãos: estudos em um remanescente de Mata Atlântica em área urbana (Recife – Pernambuco – Brasil). Recife: Secretaria de Ciências, Tecnologia e Meio Ambiente –SECTMA – Ed. Universitária, da UFPE, p. 225 -238. 1998.
- WELLS, K. D. The Ecology and Behaviour of Amphibians. Chicago University Press. 1148 p. 2007.

Artigos:

- BOKEMANN.W.C.A. Uma Nueva Espécie de *Atelopus* del Nordeste do Brasil. (Amphibia, Salientia, Brachycephalidae). Neotropica. Vol 8. n 26. 1962.
- CRUZ, C. A. G. Sobre *Phyllomedusa aspera* e a descrição de uma espécie nova desse gênero (Amphibia, Anura, Hylidae). Arquivos de Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro 11: 39-44, 1989 "1988". Disponível em: <Cruz, 1, Arq. Univ. Fed. Rural Rio de Janeiro, 11: 41.

Monografia:

PEREIRA, E.N. Anfíbios Anuros do Parque Estadual Dois Irmãos (Recife-PE) – Aspectos ecológicos, representação humana e proposta pedagógica para educação ambiental e plano de manejo. 2013. 161p. Monografia - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2013.

Nota sobre os autores



Edivania Nascimento Pereira

é graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e mestre em ecologia pela mesma instituição. Possui experiência com herpetofauna da Mata Atlântica e da Caatinga e Educação Ambiental com ênfase em Anfíbios e Répteis.



Ednilza Maranhão dos Santos

Possui pós-doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza, doutorado em Psicobiologia (ecologia comportamental), mestrado em Biologia Animal e graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas. Atualmente é professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e especialista em Herpetologia.



Marina Falcão Rodrigues

é bióloga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e especialista em Gestão e Políticas Ambientais pela mesma instituição. Possui experiência na área de Zoologia, manejo de Unidades de Conservação e Educação Ambiental. Experiência que traz grande versatilidade na atuação profissional.



ISBN 978-85-7946-265-8



Realização:



Apoio:

